

"DEMOCRACIA, POLÍTICAS PÚBLICAS E DIREITOS HUMANOS: NENHUM DIREITO A MENOS",

(Apresentação em Audiência Pública em Curitiba a 20/10/2017 às 09:00 horas - promoção CRESS-11ª Região)

Respeitoso bom dia aos que nos honram com suas presenças. Carinhoso abraço aos colegas assistentes Sociais aqui presentes, professores, pesquisadores, estudantes, combativas conselheiras do CRESS 11ª Região, pessoas convidadas, pessoal de apoio.

Em meus 81 anos de idade tenho que me sentir muito honrada com o convite do CRESS- 11ª Região, que traz de longe esta velha herdeira das culturas indígenas da Amazônia para compor mesa de debate nesta audiência.

Estou feliz em estar aqui e rever grandes colegas deste estado. Mais feliz ainda ao observar esta audiência lotada de profissionais e pessoas que aqui estão porque não sucumbiram ao conservadorismo, ao imobilismo e à alienação que grassam em toda a parte na sociedade brasileira e até no mundo.

- Aqui estão porque conservam a esperança e a disposição para o estudo e para a luta social de nosso tempo, mesmo que o enfrentamento se dê numa conjuntura tenebrosa.
- Aqui estão porque são profissionais presentes no embate a favor da democracia, dos direitos humanos e das políticas públicas e contra a gigantesca e assustadora desigualdade social de nosso tempo.

A Luta de classes precisa muito de todos nós.

Ao me preparar para estar aqui hoje, revi que o tema de nossa semana, proposto pelo CFESS em maio, foi: **“Na luta de classes não há empate”**.

Sabemos que esse conceito de “empate”, na língua portuguesa, tem dois sentidos:

Um, é o que exclui a vitória ou a derrota numa luta ou num jogo entre dois oponentes. Então há um empate.

Nesse significado negamos o empate na luta de classes porque não há e nem pode haver empate nessa luta. Ou venceremos, ou seremos destruídos, como afirmava Mészáros (grande filósofo húngaro que faleceu recentemente). Parece ter sido ultrapassada a afirmação de Rosa Luxemburgo que dizia: “socialismo ou barbárie”. Na barbárie nós já estamos, então Meszáros parece ter razão quando diz: “socialismo ou destruição”. Aí está um Donald Trump, que ameaça com um ataque nuclear a todos os que não rezam por sua cartilha.

O outro sentido de empate foi dado por Chico Mendes, em sua luta contra os latifundiários de Xapuri, no Acre. Ali, o significado de “empate” era de “impedimento”. “Empatar” era “impedir”, era “deter”. No caso, era impedir o avanço do latifúndio devastador da floresta em terras de trabalho de agricultores e seringueiros. Sabemos que essa luta lhe custou a vida. Sabemos também que ela continua, haja vista as recentes medidas de Temer para desmontar a legislação de defesa das reservas indígenas e florestais do território amazônico. Temer quer entrega-las ao capital transnacional do minério. Felizmente movimentos nacionais e internacionais o empataram.

Este sentido de empate do Chico Mendes também serve ao nosso projeto ético-político, porque queremos impedir/empatar:

- As iniquidades da sociedade capitalista em sua fase agonizante e predadora, que só produz estragos, só produz guerras, só produz fome, só produz poluição e devastação, só alimenta o individualismo e o egoísmo, só destrói princípios e valores de solidariedade e compaixão, só alimenta a ganância dos poderosos que se julgam donos do mundo.

- Queremos empatar os assassinatos de trabalhadores e indígenas no campo e na cidade e a violência que chegou ao seu paroxismo. Sabemos que ocorrem no Brasil tantas mortes quanto nas guerras.
- Queremos empatar o avanço do conservadorismo no legislativo, executivo e setores do judiciário. Os últimos resultados eleitorais no Brasil reafirmaram a ascensão das forças conservadoras e truculentas do BBB (da Bala, do Boi e da Bíblia).
- Queremos deter o avanço da alienação que alcançou as redes sociais e o Serviço Social. Vocês já devem estar sabendo que foi criado, via *facebook*, um espaço denominado “Serviço Social Libertário” cujo slogan inclui a “defesa da propriedade”. Este grupo declarou sua posição favorável à PEC 241, à escola sem partido e advoga o retorno à neutralidade.
- Enfim, queremos deter a contra-reforma da Previdência, porque a contra-reforma trabalhista já foi aprovada nesse Congresso que transformou o parlamento em um balcão de negócios. E o que é mais triste, foi aprovada sem nenhuma reação dos trabalhadores.
- Queremos impedir a apropriação fraudulenta do fundo público, que advém do excedente do valor trabalho e que deveria destinar-se às políticas públicas, mas que vão parar no bolso ou no apartamento de parlamentares e ministros. Vão parar nas benesses do capital vadio, que é o capital financeiro. Vadio porque nada produz que se possa comer, beber ou vestir.

Todos sabemos, como diz CAMPOS (2017), que a construção democrática não é um processo linear e que a possibilidade de retrocessos é recorrente na história. Mas o retrocesso democrático atual no Brasil é vergonhoso e essa luta é mais complexa que o enfrentamento da ditadura militar.

E esse governo criminoso e ilegítimo de Temer afronta a democracia, afronta as políticas públicas ao tentar destruir o SUS, o SUAS e os direitos previdenciários. Afronta os direitos humanos e nosso projeto ético político. É um governo destrutivo com os direitos dos trabalhadores e generoso e perdulário com banqueiros e empresários do capital monopolista, porque “não cobra mais de 420 bilhões¹ de reais de dívidas de empresas e bancos com a Previdência (entre as quais a Friboi e o Bradesco). É um governo que perdoa débitos dos latifundiários com o BNDES, reduzindo novamente receitas previdenciárias. É um governo que favorece o trabalho escravo a serviço do latifúndio.

No processo de fusão dos bancos Itaú/Unibanco, o Conselho Administrativo de Recursos Fiscais – CARF, do Ministério da Fazenda, isentou o Itaú de uma dívida de R\$ 25 bilhões de Imposto de Renda.

E depois eles vêm falar em déficit da previdência?

E nenhum, nenhum comentarista ou convidado das mídias faz referência a estudos sérios da UFRJ e da Receita Federal que mencionam uma Previdência Social Superavitária, como as pesquisas da economista Denise Gentil que denunciou a gigantesca farsa contábil que transforma em *déficit* o *superávit* do sistema de seguridade social. Em 2015, a Seguridade Social teve um superávit de R\$ 20 bilhões, pelas contas da economista (UFRJ).

Sempre gosto de passar em minhas apresentações uma mensagem animadora, mas as últimas que tenho proferido, no entanto, me fazem interrogar: que mensagem animadora posso dar que faça justiça a uma profissão que tem tido um percurso extraordinariamente progressivo no Brasil, na América Latina e no mundo, quer nos países capitalistas, quer nos países socialistas, como constatei ao integrar em dois mandatos a International Federation of Social work?

¹ Os dados são da Procuradoria Geral da Fazenda Nacional – PGFN.

E vocês também podem me perguntar: “É possível passar mensagem animadora nestes tempos tenebrosos em que o Congresso Nacional é um balcão de negócios de contraventores? Em que temos lá um apologista da ditadura militar e das torturas, que ainda se atreve a candidatar-se à Presidência da República? Sabem quem é, não?”

A antiga UDR (União Democrática Ruralista), que apoiava a ditadura militar nas décadas de 1970 e 1980, da qual fazia parte um Caiado e um Bolsonaro, hoje se esconde no DEM e ocupa a Presidência da Câmara no Parlamento.

Que retrocesso é esse?

Para responder, temos que invocar os heróicos lutadores do passado e do presente, entre os quais Marcuse, que nos inspira “**fazer do impossível o possível**”. Temos que invocar Rigoberta Menchu, uma índia laureada com o Nobel em 1992, que diz não haver “**noite e escuridão que aguente muito tempo sem dar lugar ao amanhecer**”. Temos que invocar o grande poeta Pablo Neruda, que diz valer a pena confiar no glorioso “**amanhã, que Chegará ..., porque ninguém detém o rio da aurora**”.

Daí que, ancorados em nosso projeto ético-político, devemos vencer nossos medos com a coragem e a esperança, varrer a tristeza com nossa alegria, sobrepor-nos às crises com nosso trabalho. A crise não é nossa, é do capital. Não deixemos que a transfiram para nós, os trabalhadores.

Não podemos esquecer que a história de nossa profissão indica uma trajetória até aqui ascendente (embora não linear- porque também vivenciamos uma ditadura militar que durou 21 anos). História da qual devemos nos orgulhar, por nossa permanente inserção nas lutas sociais em busca de outra sociabilidade humana, por nossas conquistas profissionais, por nossa coragem ante as ameaças e os grandes enfrentamentos, por nossas necessárias rupturas teórico metodológicas.

A preocupação de nossas entidades, hoje, é que o crescimento de nossa profissão não se resuma a um mero avanço quantitativo, mas signifique também um avanço qualitativo no plano teórico e no plano prático, em nosso trabalho, em nossas entidades e em nossas vidas.

Estamos num contexto histórico em que a luta de classes é negada inclusive no campo da sociologia. Ouvi a apresentação de uma socióloga em Brasília em que declarou não trabalhar mais com o paradigma de classes. Ouvi em vários espaços da mídia e até de intelectuais, que não existe mais esquerda e direita.

Não existe? Porque então a França apresentou Le Pen como candidata de extrema direita? Porque os europeus estão preocupados com as perdas da esquerda nas eleições presidenciais?

É certo que a luta de classes ganha novas tonalidades e novas mediações. Alcançou o universo global e as redes virtuais nacionais e internacionais, para o bem e para o mal. Há hoje muitos *sites* e *blogs* reacionários (a exemplo o que se intitula “o antagonista”, do Diego Mainardi).

Infelizmente ainda não ocupamos esse espaço com mais contundência. É mais uma tarefa que temos pela frente de nosso projeto ético-político. Mais uma conquista necessária do Serviço Social brasileiro.

As conquistas que nossa profissão alcançou não são triviais. Pelo contrário, resultam de muito trabalho, de muito estudo, de muitas renúncias e de enfrentamento com o poder instituído, por parte de gerações e gerações de assistentes sociais, algumas das quais já faleceram, mas deixaram um legado que permanece vivo na profissão.

Não podemos deixar de mencionar, contudo, alguns elementos que vêm tencionando o nosso projeto ético político nessa conjuntura.

- 1) O primeiro é amplamente reconhecido pelas entidades: o da precarização da formação profissional, quer na modalidade presencial, quer na modalidade a distância, como resultado da política contra-reformista do MEC desde a época de F.H.C. que expandiu a educação universitária como mercadoria. Na Amazônia temos cursos de faculdades de fundo de quintal, sem estágio, sem pesquisas, sem extensão.
- 2) Outro elemento de tensão é a ascensão das formulações pós-modernas no campo teórico da formação dos intelectuais brasileiros, entre eles os/as assistentes sociais, o que pode ameaçar a hegemonia da teoria crítica, ou abrir espaço ao ecletismo, que produz uma salada de paradigmas no Serviço Social.

Sabemos que essas formulações constituem-se no arcabouço conceitual neoconservador do capitalismo em sua forma neoliberal, com sua recusa às causas globais subjacentes à noção de luta de classes, sua rejeição à visão estruturante e à dimensão de totalidade, sua ruptura com a noção de projeto societário e a sua apologia ao micro-organismo social.

- 3) Outra ameaça é o retorno da influência religiosa de alguns grupos, mas agora de outros credos no Serviço Social (sem generalizações), que pode levar assistentes sociais a preconceitos de gênero, entre outros, porque são credos que não reconhecem os novos direitos LGBTs e até os combatem, e ignoram o princípio do laicismo na profissão.

Debates travados no âmbito do CFESS têm apontado propostas para o controle social e aperfeiçoamento acadêmico dos cursos de S. Social nas universidades. As propostas são polêmicas e devem ser enfrentadas com amadurecimento e diplomacia. Mas não se transformaram em encaminhamentos concretos até hoje, exatamente porque são polêmicas.

Tenho o exemplo de três:

- O exame de proficiência, polemizado no início, mas que na realidade atual, segundo muitos colegas professores, passou a ter pertinência.
- As especializações, voltadas aos diferentes campos profissionais, como mais um requisito de qualificação e atuação. Assistentes Sociais querem aprofundar os estudos sobre o campo jurídico, sobre a questão indígena, sobre a questão ambiental, mas as especializações continuam no mesmo âmbito genérico da graduação.
- Outra proposta é a atualização da teoria crítica da economia política no século XXI, para rebater a negação da luta de classes no campo de uma sociologia conservadora.
- Tudo isto merece um debate à parte.

Considerações finais

Não posso mais me alongar, mas quero finalizar com uma indicação animadora para nossa profissão e para nossas vidas.

Essa realidade do fortalecimento do conservadorismo no Brasil e no mundo é mais uma das muitas tentativas da direita contra a luta pela emancipação humana. Isso não deve nos desanimar jamais. Temos sempre que vislumbrar uma nova aurora, plena de promessas e esperanças, como convém a uma profissão que atua no coração da desigualdade social e que fez opção por estar ao lado do trabalho e não do capital.

Prossigamos com coragem em nossa jornada de defesa da democracia, dos direitos sociais, das políticas sociais, de um projeto de sociedade sem dominação de qualquer espécie, sem guerras, sem barbárie. Superemos esta sociedade onde a maioria “ganha o pão com o suor do seu rosto”, mas uma minoria consome o caviar e a lagosta sem suor nenhum.

Alunos e profissionais de S. Social, sejam fortes. Estudem. Estudem muito. As relações de produção capitalistas não são naturais. São produto de ações baseadas em ciências conservadoras, Eis aí a influência de um Milton Freedman, de um Hayek, dos chicago`s boys (estudantes ricos do Chile que foram fazer cursos nos EUA para subsidiar a planificação das ditaduras na América Latina). Eu sempre repito em minhas falas o que publicou Stephen Kanitz na década de 1990. Disse ele que os intelectuais orgânicos do capital, que estão em Harvard, em Cambridge, em Oxford, estudam mais de 12 horas por dia para aperfeiçoar a dominação, e costumam ser vitoriosos a cada momento que o neoliberalismo retorna.

Não se enganem: a direita é competente para subtrair direitos, para devastar, para oprimir, para fabricar relatórios a favor do Temer. Lembram, quando o Relatório do Deputado Lores a favor da investigação do Temer foi rejeitado na Comissão de Constituição e Justiça na primeira denúncia? O PSDB já tinha um relatório prontinho a favor de Temer, elaborado para substituir o de Lores, que aprovou rapidamente.

Queridos alunos e futuros profissionais, sejam mais do que bons. Sejam superiores aos oponentes de direita que vão enfrentar em toda a parte. Ponham os argumentos deles na lata do lixo. Façam-nos calar.

O capitalismo é hoje uma sociedade criminosa, onde as disputas do mercado, do território e do lucro levam a ações extremas de crueldade e extermínio.

Temos que ter consciência de que nossa profissão e os trabalhadores do mundo inteiro se inscrevem, sim, num embate ético-político gigantesco, e de que temos que avançar sempre e cada vez mais em nossa qualificação, em nossa organização, em nossa politização e em nossa união.

O cenário exige um protagonismo qualificado e atualizado. Um protagonismo que tem pressa, que tem coragem, que busca capturar aliados em todas as frentes, e agora no espaço das redes sociais, e que não foge do embate em todos os campos nessa luta por “nenhum direito a menos”.

Finalizo invocando extratos de um poeta contemporâneo: Mário Iasi, que diz:

“quando os trabalhadores perderem a paciência”.... “a vida será livre” ...

Quando os trabalhadores perderem a paciência “a fome vai virar indecência”.

Quando os trabalhadores perderem a paciência.... não haverá “direito sem justiça”....

Quem sabe, um dia, juntos, unidos e unidas, os trabalhadores possam perder a paciência de esperar. Eu não estarei aqui para ver, mas vocês quem sabe?

MUITO OBRIGADA!!!!

REFERÊNCIAS

ABESS **Formação Profissional: Trajetórias e Desafios** (Cadernos n. 07). São Paulo, Cortez Editora, s/d;

ANDERSON, Perry **A Crise da Crise do Marxismo** (introdução a um debate contemporâneo). São Paulo. Brasiliense, 1985

BAUMAN, Z. **Modernity and the Holocaust**. London: Polity Press, 1989. In: BENSID & LOWY, Daniel e Michael. **Marxismo. Modernidade e Utopia**. São Paulo: Xamã Editora, 2000;

BENJAMIN, W. **Surrealismo. O Último Instante de Inteligência Européia**. Paris: Letras Novas, 1971. . In: BENSID & LOWY, Daniel e Michael. **Marxismo. Modernidade e Utopia**. São Paulo: Xamã Editora, 2000;

BENSAID & LOWY, Daniel e Michael. **Marxismo. Modernidade e Utopia.** São Paulo: Xamã Editora, 2000;

CAMPOS, E. B. **A Reforma da Previdência Social e os impactos na política de Assistência Social.** Palestra proferida no dia 10 de maio de 2017, na Universidade da Amazônia – Unama, em programação alusiva à semana do assistente social.

MÉSZÁROS, István **Para além do capital.** Rio de Janeiro: [Boitempo](#), 2003
(em [português](#)).